

COMPREENSIBILIDADE E PERCEPÇÕES DE BRASILEIROS SOBRE O ESTUDO DA PRONÚNCIA DO INGLÊS

Melissa Bettoni[†]

Priscilla Rizzi^{**}

[†]Instituto Federal de Santa Catarina, Chapecó, SC, Brasil

Resumo

O presente estudo objetivou investigar a percepção discente sobre o estudo da pronúncia e a compreensibilidade de suas falas em inglês. Vinte e quatro brasileiros falantes de inglês com nível mínimo de proficiência geral avançado tiveram gravações de áudio de suas falas julgadas por quatro juízes representantes dos três círculos de Kachru (1985). Os dados de compreensibilidade, percepção de sotaque pelos juízes, quantidade de desvios de pronúncia no nível segmental (tais como: palatalização, epêntese, vozeamento e desvozeamento), língua nativa do juiz, e percepções discentes sobre o estudo da pronúncia foram tabulados e comparados quantitativa e qualitativamente. Os resultados indicaram relações positivas entre maior compreensibilidade, menos sotaque e menos desvios e entre compreensibilidade e desejo por um conhecimento mais específico sobre pronúncia.

Palavras-chave: Inteligibilidade; Compreensibilidade; Ensino de pronúncia; Interfonologia do Português Brasileiro/Inglês.

COMPREHENSIBILITY AND BRAZILIANS' PERCEPTIONS ON PRONUNCIATION INSTRUCTION

Abstract

The present study aimed at investigating students' perceptions about the study of pronunciation and the comprehensibility of their speech. Twenty-four English-speaking Brazilians at the advanced level or higher had audio recordings of their sentences judged by four English speakers from different nationalities representing the three circles in Kachru's World Englishes Model (1985). Comprehensibility, accentedness, number of mispronunciations at the segmental level (such as palatalization, voicing, devoicing, epenthesis), native language of the judge, and perceptions

[†] Coordenadora e docente da Pós-Graduação lato sensu em Ensino de Língua Inglesa no Instituto Federal de Santa Catarina, *Campus* Chapecó. É Mestre (2005) e Doutora (2008) pelo Programa de Pós-Graduação em Inglês da Universidade Federal de Santa Catarina. Seu e-mail é mebettoni@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2522-1083>.

^{**} Especialista em Ensino de Língua Inglesa pelo Instituto Federal de Santa Catarina. Leciona inglês na Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó) e na Escola Yázigi. Seu e-mail é mena_cousin@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9582-0786>.



about the study of pronunciation were tabulated and compared quantitatively and qualitatively. Results indicated positive correlations among better comprehensibility, less accentedness and fewer mispronunciations at the segmental level; and, between comprehensibility and the desire for specific knowledge regarding pronunciation.

Key-words: Intelligibility; Comprehensibility; Pronunciation Instruction; Brazilian Portuguese/English Interphonology.

Introdução

A variação geográfica de seus falantes, as histórias de colonização no mundo e o *status* da língua inglesa como língua internacional são elementos que contribuíram para a grande diversidade dialetal da língua inglesa. A língua inglesa é a língua materna de aproximadamente 450 milhões de pessoas e a segunda língua de mais de 1 bilhão de pessoas, resultando em diversidade linguística ainda maior (HOROBIN, 2018). Essa diversidade tão enriquecedora e carregada de cultura pode provocar dificuldades de inteligibilidade e compreensibilidade. Enquanto inteligibilidade é definida como o “reconhecimento de palavra ou enunciado” (SMITH; NELSON, 1985, p.334), Derwing e Munro (1997) afirmam que compreensibilidade é a “percepção do falante nativo da inteligibilidade”¹ (p.2), ou seja, “julgamentos em uma escala da dificuldade ou facilidade para compreender uma fala”² (p. 2). Enquanto alguns autores testam o que definimos aqui como inteligibilidade nomeando-a compreensibilidade (e.g., GASS; VARONIS, 1984), outros testam compreensibilidade nomeando-a inteligibilidade (e.g., CRUZ, 2003). Não há até hoje unanimidade na definição destes termos e devido ao método utilizado neste estudo adotamos a definição de Derwing e Munro (1997), não considerando compreensibilidade e inteligibilidade como sinônimos e nem como totalmente independentes. Derwing e Munro (2013) consideram sotaque como uma terceira dimensão relacionada à inteligibilidade, encontrando uma correlação maior entre sotaque e compreensibilidade do que entre sotaque e inteligibilidade. Nestes estudos, sotaque é considerado como traços desviantes do padrão na pronúncia; e, então, neste sentido, a fala nativa padrão é considerada sem sotaque.

O *status* da língua inglesa como língua internacional dispensa o ensino de uma variedade padrão e transforma objetivos e conteúdos que envolvem a importante tarefa que é o ensino de pronúncia (PISKE, 2007; DERWING; MUNRO, 2013). Através do estudo formal, muitos desvios de pronúncia podem ser evitados ou corrigidos (ALVES, 2004; BETTONI-TECHIO; 2008), ocasionando melhora na compreensibilidade da fala dos aprendizes pela redução do esforço para compreensão despreendido pelo ouvinte (DELATORRE; BAPTISTA, 2014). Outra consequência esperada do ensino da pronúncia é a melhora considerável na habilidade de compreensão oral do aprendiz, uma vez que existe uma relação positiva entre percepção e produção na segunda língua (KLUGE, 2004; KOERICH, 2006; BETTONI-TECHIO; RAUBER; KOERICH, 2007) com efeitos de treinamento perceptual sendo transferidos para a produção (BETTONI; KLUGE, 2014).

Sabendo que o estudo da pronúncia auxilia na promoção da inteligibilidade (BOUCHHIOUA, 2016), gostaríamos de elucidar dados sobre compreensibilidade da fala de falantes de inglês com nível avançado e sobre a relação entre o que pensa o aprendiz de inglês sobre o estudo da pronúncia, uma vez que ele é o principal ator responsável pelo sucesso ou fracasso de sua aprendizagem. Investigamos, então, (1) compreensibilidade e sotaque da fala de brasileiros falantes de inglês julgada por falantes de inglês nativos e não-nativos; (2) percepções destes falantes sobre o estudo da pronúncia; e (3) as relações entre os índices de

compreensibilidade e tais percepções. Para isso, selecionamos vinte e quatro brasileiros, com nível mínimo de conhecimento de inglês avançado, e quatro juízes, para julgarem as falas. Os juízes representavam os três círculos de Kachru (1985) e uma quarta juíza do círculo em expansão falante de português do Brasil foi adicionada para testar familiaridade com o sotaque.

Em seguida, apresentamos uma breve revisão da literatura acerca de inteligibilidade e estudos sobre percepções discentes em relação ao estudo da pronúncia. Posteriormente, apresentamos o método utilizado e então apresentamos e discutimos simultaneamente os resultados. Então, concluímos com considerações finais, limitações e implicações pedagógicas desta pesquisa.

1. Revisão da Literatura

1.1 Inteligibilidade como objetivo para falantes não-nativos de inglês

Com a frequente exposição dos aprendizes de inglês a diversos dialetos e sotaques por meio de mídias voltadas para informação, entretenimento e conhecimento, o debate em torno da variedade de inglês a ser ensinada tornou-se ultrapassado, cedendo espaço para o foco na inteligibilidade (CRUZ, 2003; BRINTON, 2012). O objetivo principal passou a ser o se fazer entendido, seja por quem for ou onde for, sempre pensando no inglês como uma língua difundida mundialmente e não pertencente a um determinado povo, país ou pátria (CRYSTAL, 1997).

Kachru (1985), em vista da variedade de países onde o povo fala língua inglesa e também dos papéis específicos que estes povos possuem na mudança e variação da língua, classificou os países em que o inglês é falado em três categorias e as representou como três círculos concêntricos: círculo interno, círculo externo e círculo em expansão. O círculo interno engloba os países onde a língua inglesa é a língua nativa, por exemplo: Estados Unidos da América, Reino Unido, Austrália e República da Irlanda. O círculo externo é constituído por países onde a língua inglesa é adotada como segunda língua, e em muitos casos é usada como língua oficial, especialmente como resultado da colonização britânica, por exemplo: Malásia, Nigéria, Filipinas, Índia, Bangladesh, Paquistão e África do Sul. O círculo em expansão representa os países onde a língua inglesa é tida como língua estrangeira, por exemplo: Brasil, Rússia, Japão, China, Egito e Indonésia. Precisamos compreender que o inglês representa papéis diferentes nos três círculos. Os países do círculo interno falam o que é considerado variedades de inglês padrão e ditam normas. Os países do círculo externo criam normas próprias. Os países do círculo em expansão seguem as normas. Está claro que o modelo não pode ser considerado algo definitivo – na prática, as fronteiras não são tão claras e existem diferenças entre os países pertencentes a um mesmo círculo. Ainda, apesar da intenção do modelo ter sido evidenciar a importância das variedades minoritárias da língua inglesa, as variedades padrões recebem local de destaque

no centro do modelo. No entanto, Kachru (1985) ainda é referência e ponto de partida de grande parte dos estudos de *World Englishes*.

Com foco em inteligibilidade, Baptista (2001) e Jenkins (2002) apresentaram conteúdos relativos à pronúncia de inglês (especialmente para aprendizes de países do círculo em expansão) que deveriam ser abordados nas aulas de inglês para garantir comunicação. No entanto, Silveira e Shadech (2014) apontaram para a considerável quantidade de diferenças entre as propostas, sendo que a de Baptista (2001) apontava para aspectos muito problemáticos para brasileiros que estavam ausentes da proposta de Jenkins (2002). Tais diferenças mostram a complexidade existente na definição de conteúdos e o grau de subjetividade que tende a ser empregada na construção de tais propostas como, por exemplo, quando Jenkins (2002) considera que entoação não deveria ser abordada pela complexidade e variação nas regras devido aos dialetos e Baptista (2001) advoga pelo ensino de ao menos padrões básicos de entoação. Pesquisas de campo controlando variáveis como língua materna de informantes e juízes, crenças dos informantes, tipos de tarefas, aspectos específicos da língua em fala espontânea e leitura precisam ser conduzidas para auxiliar na definição dos conteúdos de ensino para promoção de inteligibilidade com maior objetividade. Assim, muitas pesquisas com informantes e juízes de diferentes L1s controlando diversas variáveis têm contribuído para um entendimento que é, ao mesmo tempo, mais amplo e mais preciso sobre quais fatores interferem na comunicação e como melhorá-la. O presente estudo contribui neste sentido.

Um estudo muito importante, considerando relações entre nível de sotaque percebido, compreensibilidade e inteligibilidade com aprendizes de inglês de quatro diferentes línguas maternas, além de fatores que influenciam percepção de sotaque e compreensibilidade, foi Derwing e Munro (1997). Quarenta e oito estudantes de inglês com nível de proficiência intermediário tiveram gravações julgadas por vinte e seis canadenses. Os resultados indicaram que há correlação positiva entre sotaque, compreensibilidade e inteligibilidade embora elas não sejam dimensões equivalentes. Um contraste importante encontrado no estudo foi a correlação de 92% entre sotaque e desvios segmentais e 0% entre compreensibilidade e desvios segmentais. Outras causas mais relevantes para sotaque, reportadas por Derwing e Munro (1997), foram gramática (46%), enunciação (38%) e prosódia (23%). Fatores relevantes para compreensibilidade foram enunciação (46%), gramática (38%), ritmo (38%) e prosódia (23%).

No Brasil, há mais de uma década, Cruz tem conduzido estudos sobre inteligibilidade com estudantes brasileiros (CRUZ, 2003, 2004 2008, 2011; CRUZ; JORGE, 2017). Cruz (2003) investigou a inteligibilidade da pronúncia de aprendizes brasileiros de inglês a partir do julgamento de uma ouvinte americana e de uma ouvinte camaronesa. O estudo buscou responder para qual das duas ouvintes a pronúncia dos brasileiros é mais inteligível, e se a familiaridade das ouvintes com o falar em inglês dos brasileiros influenciou a compreensão da fala dos aprendizes. Dez amostras de fala foram apresentadas às ouvintes que transcreveram as falas, e posteriormente categorizaram as palavras em difícil, muito difícil ou

impossível de entender – o que consideramos, no nosso estudo, uma medida de compreensibilidade. Os resultados revelaram que a fala dos aprendizes foi mais inteligível para a camaronesa do que para a americana. Cruz (2003) apontou que duas variáveis podem explicar esse resultado: a semelhança entre as formas de pronunciar no inglês camaronês e no inglês dos aprendizes brasileiros; e a exposição que a camaronesa tem a outros sotaques de inglês. Em Cruz e Jorge (2017), o objetivo foi verificar o grau de inteligibilidade de alunos brasileiros de inglês para ouvintes britânicos não familiarizados com o jeito brasileiro de pronunciar inglês. Trinta amostras contendo palavras produzidas espontaneamente por dez aprendizes brasileiros de inglês foram apresentadas a vinte e cinco ouvintes britânicos que classificaram as amostras em uma escala de 1-6 (6 correspondendo a muito fácil de entender) e transcreveram as falas. Em seguida, foi solicitado que explicassem como conseguiram reconhecer as palavras que eles escreveram. Estes dados qualitativos elucidaram fatores inesperados que contribuíram para a compreensão das falas: familiaridade do sotaque do ouvinte (mesmo que nativo) com o sotaque do brasileiro informante; a profissão/campo de estudo do ouvinte; o contexto linguístico fornecido pelas palavras anteriores e posteriores; e atitudes diante da nacionalidade do informante.

Vários outros estudos sobre inteligibilidade foram conduzidos com brasileiros (e.g., REIS; KLUGE, 2008; REIS; CRUZ, 2010; BECKER, 2013; SHADECH, 2013; DELATORRE, 2017). Esta forma de julgar a inteligibilidade na qual não há interação entre interlocutores é questionada duramente por alguns estudiosos, como Rajadurai (2007) e Nelson (2011). Apesar de concordarmos que inteligibilidade e compreensibilidade dependem de ambos emissor e receptor, concordamos com Cruz (2017) ao afirmar que há grande valor nas contribuições de estudos exploratórios que são, de certa forma, controlados, como os que revisamos aqui e também como o nosso. Ainda, nem toda comunicação é interativa – palestras, filmes, peças de teatro, música, *workshops*, congressos, telejornais, programas de rádio e televisão são apenas alguns dos exemplos nos quais brasileiros podem ser ouvintes ou emissores. Acreditamos que nestas ocasiões, nas quais interações elucidativas não são oportunizadas, que a pronúncia inteligível e a habilidade de compreensão oral são, de fato, determinantes para a comunicação.

1.2 Estudos sobre a percepção de estudantes sobre ensino da pronúncia

Estudos vêm sendo conduzidos no que tange a questões como percepção e atitude do discente. Em um estudo relacionado à percepção discente, Derwing (2003) constatou, com cem alunos adultos de inglês como segunda língua, que a grande maioria deles considerava a pronúncia nativa como um objetivo absoluto. A partir das respostas a questões que investigavam atitudes dos participantes em relação à língua inglesa, Derwing (2003) apontou uma provável relação entre o prestígio vinculado a determinadas variedades de inglês, diante de seus contextos históricos e socioeconômicos, e a vontade de soar como nativo. Derwing (2003)

ainda menciona que o preconceito linguístico ocorre até mesmo com nativos que não falam a variedade padrão da língua, embora o preconceito em relação ao estrangeiro seja maior. De acordo com Jenkins (2005), os falantes não nativos sentem uma espécie de obrigação em relação a adquirir sotaques próximos ao sotaque nativo de inglês para serem vinculados a uma imagem de sucesso, mesmo que o foco seja a interação com outros não nativos.

Em um estudo com quarenta e oito espanhóis matriculados no primeiro ano do curso de Bacharelado em Estudos da Língua Inglesa na Espanha, Marzá (2014) concluiu que os estudantes tinham preocupação com sua pronúncia, consideravam instrução sobre a pronúncia importante e pronúncia como aspecto fundamental para boa comunicação; consideravam aprendizado sobre os símbolos fonéticos importante para melhorar a pronúncia; e acreditavam que cantar músicas, repetir e imitar resultam em melhora de pronúncia. Os dados apontaram que todos os estudantes se sentiam frustrados por não soarem como nativos e que muitos também se sentiam frustrados quando percebiam que a pronúncia em inglês de um colega era melhor que a sua. Muitos se sentiam inseguros e envergonhados para falar em inglês na frente dos colegas e acreditavam que o estudo da pronúncia podia deixá-los mais confiantes. No entanto, todos acreditavam que conseguiriam melhorar sua pronúncia com o estudo formal. Os dados foram obtidos por meio de questionários anônimos respondidos por 87% dos estudantes.

Com objetivos semelhantes aos nossos, Borges (2014) investigou a relação entre as crenças de trinta brasileiros residentes na Inglaterra (30% há mais de dez anos) sobre pronúncia de inglês, em uma escala Likert de 6 pontos, e o julgamento de seu sotaque por um americano, um inglês e um irlandês, em uma escala Likert de 9 pontos. O questionário em português considerou aspectos sobre crenças em relação à aquisição e à instrução de pronúncia de segunda língua, fatores emocionais e de autoconfiança, objetivos e estratégias para a aprendizagem de pronúncia, e grau de envolvimento e interesse social e cultural com a comunidade de língua inglesa. Os resultados que obtiveram destaque no estudo foram: os informantes realmente acreditavam que, em algum momento, seu inglês oral seria muito bom; consideravam que pronúncia deveria ser componente do ensino de inglês; e acreditavam que aprender os símbolos fonéticos poderia auxiliá-los na aprendizagem da pronúncia. Aqueles com menores níveis de ansiedade declarados e mais autoconfiança foram os que tiveram melhor desempenho na pronúncia. Uma correlação negativa foi encontrada entre acreditar que aprender pronúncia é melhor em um país que a fale a língua como nativa e os resultados nos testes de pronúncia.

A reflexão sobre crenças e práticas de professores em relação à pronúncia, de forma a entender as suas próprias práticas e as práticas dos estudantes, também é necessária. É possível que se o professor não demonstra interesse por pronúncia e não a aborda em suas aulas, o estudante não tenha interesse e talvez sinta certa repulsa pelo estudo de pronúncia ou de aspectos relacionados à mesma. Neste sentido, Bettoni e Gallego-Campos (2017) investigaram as crenças e práticas de vinte e um professores de inglês para crianças, antes e depois de uma formação em fonética e fonologia de inglês. Em relação às crenças, os autores constataram que

muitos professores tinham medo de abordar pronúncia em aula, provavelmente, por insegurança. Corroborando Brawerman-Albini e Kluge (2011), Bettoni e Gallego-Campos (2017) concluíram que os professores de inglês consideravam o ensino da pronúncia importante e relataram abordar mais a pronúncia em sala de aula após a formação. No entanto, dois dos vinte e um professores afirmaram que pronúncia era importante para “soar como nativo” mostrando que alguns professores, assim como muitos estudantes, buscam uma fala padrão e não simplesmente uma fala inteligível.

Ao investigar crenças e práticas de professores de inglês em relação à pronúncia, Haus (2018) coletou dados através de entrevistas semiestruturadas e observação de aulas. Os dois informantes do estudo tinham crenças e práticas distintas em relação à língua inglesa. O primeiro informante primava pelo padrão nativo e apresentava uma aula mais centrada em gramática e livro didático, com correções constantes relativas à pronúncia sem foco em aspectos que atrapalhariam a comunicação. O segundo informante priorizava a comunicação e permitia que os alunos tivessem prática oral mais livre com menos interferências e explicações sobre pronúncia, mas nem sempre os aspectos de pronúncia que trabalhava eram aqueles que podem interferir na comunicação. Mesmo com crenças diversas, nenhum dos sujeitos buscava a introdução de variedades diferentes do padrão em suas aulas. Os estudos indicam que apesar da inteligibilidade ser um objetivo mais proveitoso, menos frustrante e mais facilmente alcançável, ela continua não sendo o foco de muitos professores.

2. Método

2.1 Objetivos e questões de pesquisa

Os objetivos do presente estudo foram investigar (1) a compreensibilidade da fala de brasileiros falantes de inglês julgada por falantes de inglês nativos e não-nativos; (2) as percepções dos brasileiros sobre o estudo da pronúncia; e (3) as relações entre compreensibilidade e percepções sobre o estudo da pronúncia. Utilizamos a medida da compreensibilidade, ou seja, não nos restringimos ao reconhecimento exato de palavras e sentenças uma vez que fatores externos podem auxiliar para uma adivinhação de qual a palavra produzida (CRUZ, 2017), e analisamos, então, a facilidade/dificuldade que os juízes declararam que tiveram para compreender as falas dos informantes.

As seguintes quatro questões de pesquisa nos guiaram no presente estudo:

1. 1. A compreensibilidade de um falante brasileiro de inglês é julgada da mesma maneira por falantes fluentes em inglês independentemente do círculo de Kachru ao qual pertencem?
2. 2. Há relação entre os julgamentos de compreensibilidade da fala, julgamento de sotaque e quantidade de desvios de pronúncia no nível segmental?

3. Há relação entre compreensibilidade e a autopercepção de nível de proficiência relativo à pronúncia atribuído pelo próprio falante?
4. Há relação entre compreensibilidade de um falante brasileiro de inglês e suas percepções em relação ao estudo de pronúncia?

2.2 Participantes

Os participantes do presente estudo foram divididos em dois grupos: falantes (que doravante chamaremos de informantes) e juízes (que são os julgadores das falas gravadas pelos informantes).

O grupo de informantes foi composto por vinte e quatro brasileiros falantes de inglês como língua não nativa e com nível mínimo de proficiência avançado (C1 no Quadro Comum Europeu de Referência) e uma americana de Libby, no estado de Montana. Dezenove deles eram estudantes do último semestre de nível avançado em uma escola de idiomas na qual uma das pesquisadoras lecionava. Os outros cinco brasileiros eram professores de inglês. A idade dos informantes brasileiros variou de 14 a 46 anos (Média= 21 anos; Mediana= 15 anos) sendo quinze do sexo feminino e nove do sexo masculino. A informante americana possuía 16 anos na época da coleta de dados, estava morando no Brasil há menos de seis meses em intercâmbio de estudos e, anteriormente, havia morado apenas em sua cidade natal Libby, no estado de Montana, nos Estados Unidos da América. O seu sotaque era diferente da variedade considerada inglês americano padrão. Ela fez todas as gravações com dados falsos (nome, cidade natal, etc.) como se fosse brasileira para que na escala de avaliação de sotaque estrangeiro fosse considerada para todos os pontos da escala (sem sotaque ou nativo até sotaque muito forte). Neste estudo, os juízes foram instruídos que sotaque correspondia a sotaque estrangeiro.

O grupo de juízes era composto por quatro mulheres com idades entre 23 e 40 anos, tendo os três círculos de Kachru (1985) representados. Havia duas representantes do círculo em expansão. Uma delas era francesa, sem conhecimento do português. Ela havia morado e trabalhado com uma família americana em Bronxville, no estado de Nova Iorque, duas vezes, totalizando 4 anos de residência. A outra era uma brasileira com certificação de proficiência em língua inglesa da Universidade de Cambridge. A representante do círculo interno era uma americana de Yonkers, estado de Nova Iorque, com pouco conhecimento de português. A representante do círculo externo era uma indiana doutora em Estudos Literários e Culturais. Todas as juízas eram fluentes em inglês e se comunicaram com as pesquisadoras apenas em inglês. Elas representavam pessoas com as quais os informantes poderiam interagir em inglês no mundo real. Conforme discutido por Isaac e Thompson (2013), pessoas leigas usuárias da língua alvo são juízes ideais, pois representam os interlocutores alvo de aprendizes de inglês, apesar de estudos mostrarem que não há diferenças significativas entre julgamentos de

juizes treinados e de juizes leigos. Os dados referentes às quatro juizas estão dispostos no Quadro 1.

Quadro 1- O perfil das juizas

Círculos de Kachru	Nacionalidade	Idade	Língua nativa	Conhecimentos de português
Interno	Americana	23	Inglês	Compreende pouco e não produz
Externo	Indiana	36	Hindi	Nenhum
Expansão	Francesa	37	Francês	Nenhum
Expansão	Brasileira	40	Português	Nativo

Fonte: dos autores

2.3 Instrumentos e procedimentos de coleta de dados

A coleta de dados foi realizada em duas etapas. Primeiramente, os vinte e quatro informantes (a americana não completou esta etapa) foram convidados a responder um questionário *online* com *link* enviado por *e-mail* ou *WhatsApp* chamado Hábitos e percepções relacionados ao Inglês. O questionário foi desenvolvido no *Google Forms* e contemplou perguntas divididas em duas seções. Na primeira seção, os informantes preencheram dados pessoais e, na segunda, eles responderam três questões acerca de percepções sobre o estudo da pronúncia. A primeira questão solicitava que os informantes se autoavaliassem em relação à pronúncia, utilizando as categorias: ruim, básico, intermediário, avançado ou quase nativo. Para a segunda questão, os informantes precisavam expressar sua concordância com quatro afirmações, com uma das seguintes respostas: discordo, concordo um pouco, eu não sei, eu concordo ou eu concordo totalmente. As afirmações estão descritas nos resultados. E a terceira questão consistia em, diante de alguns adjetivos positivos (útil, interessante, divertido, importante e essencial), negativos (inútil, chato, perda de tempo, desnecessário e irrelevante) e neutros (fácil e difícil), marcar todos aqueles que eles atribuíam ao estudo da pronúncia.

Posteriormente, os informantes assinaram o Termo de consentimento livre e informado e foram gravados, com o auxílio de um celular com gravador de boa qualidade, lendo uma curta autobiografia que haviam produzido completando um pequeno texto com espaços em branco. Estes espaços foram preenchidos com informações como nome, idade, cidade natal, profissão, gostos e um curto enredo de um filme ou livro. Os textos não foram corrigidos e as gravações foram feitas individualmente pelas pesquisadoras. Os áudios variavam de 30 a 40 segundos cada e foram tratados para eliminação de ruído com o editor de áudio *Sound Forge*.

Algumas gravações (de sujeitos não inclusos no grupo dos 24) foram descartadas por conter linguagem ofensiva. Todas as gravações foram ouvidas pelas pesquisadoras e tratadas. As juizas receberam, por *e-mail* ou *Google Drive*, as gravações, identificadas como *Sample* (Amostra) e um número (ex: *Sample1*), bem como instruções e o texto com espaços em branco – o mesmo que os informantes completaram e gravaram. As juizas deveriam escutar cada gravação,

transcrevê-la (preenchendo os espaços em branco) e então responder: (1) quanto esforço havia sido necessário para compreenderem o que estava sendo dito na gravação – em uma escala Likert de 1 a 5, sendo 1 para nenhum esforço a 5 para muito esforço; e (2) qual o grau de sotaque do falante – em uma escala Likert de 1 a 5, sendo 1 para sem sotaque estrangeiro ou nativo, 2 para pouco sotaque estrangeiro ou passante, 3 para sotaque estrangeiro moderado, 4 para sotaque estrangeiro forte e 5 para sotaque estrangeiro muito forte – semelhante a Derwing e Munro (1997) e Borges (2014), mas com redução da escala Likert de 9 pontos para 5 pontos no presente estudo. Passante se refere a alguém que não é nativo, mas que em determinadas situações pode ser confundido com um. Os juízes foram alertados que havia brasileiros e nativos de língua inglesa na amostra e que deveriam avaliar pela pronúncia e não pelo conteúdo das falas.

2.4 Procedimento de Análise de Dados

Após tratados com *Sound Forge* para eliminar ruídos, os áudios foram analisados pelas pesquisadoras, com auxílio do software PRAAT, a fim de identificar desvios segmentais como palatalização, epêntese, vozeamento e desvozeamento. Diferenças na qualidade da pronúncia vocálica foram desconsideradas devido à grande variação das vogais em nível dialetal. A quantidade de desvios foi transferida para uma tabela no *Libreoffice Calc*. Então, os dados do questionário sobre percepções foram organizados na mesma tabela para melhor visualização e análise.

Todos os dados coletados, incluindo os valores atribuídos pelas juízas para compreensibilidade e sotaque, receberam tratamento estatístico. Além de medidas básicas de médias e desvios padrão, testes-*t* pareados foram rodados para identificar diferenças significativas entre variáveis, e testes de correlação *Pearson* foram rodados para investigar relações entre variáveis.

3. Resultados e Discussão

Os resultados estão expostos e discutidos por questão de pesquisa proposta.

3.1 Compreensibilidade e Círculo de Kachru ao qual pertence o receptor

Nossa primeira questão de pesquisa foi: “A compreensibilidade de um falante brasileiro de inglês é julgada da mesma maneira por falantes fluentes em inglês independentemente do círculo de Kachru ao qual pertencem?” A fim de respondê-la, comparamos os valores de compreensibilidade atribuídos pelas juízas para quinze informantes, pois dez informantes não foram julgados pela juíza indiana por razões que não pudemos controlar. As juízas ouviram e transcreveram as gravações e julgaram compreensibilidade. As notas deveriam variar de 1 (nenhum esforço necessário) a 5 (muito esforço necessário). Os dados obtidos por informante, incluindo os dez não avaliados pela juíza indiana, estão dispostos no Quadro 2.

Quadro 2 – Compreensibilidade por juíza e por participante

	Americana (Círculo Interno)	Indiana (Círculo Externo)	Francesa (Círculo em Expansão)	Brasileira (Círculo em Expansão)	Média excluindo a Indiana
I1	3	3	3	4	3,33
I2	3	2	2	2	2,33
I3	4	5	3	3	3,33
I4	4	3	5	5	4,67
I5	4	4	3	3	3,33
I6	4	4	3	3	3,33
I7	3	1	3	1	3,33
I8	4	5	3	2	3,00
I9*	2	1	2	2	2,00
I10	4	4	4	4	4,00
I11	5	5	5	4	4,67
I12	3	4	4	2	3,00
I13	5	5	5	5	5,00
I14	3	4	5	3	3,67
I15	5	2	3	4	4,00
MÉDIA 15	3,73	3,47	3,53	3,13	
I16	3	-	3	1	2,33
I17	5	-	3	3	3,67
I18*	1	-	2	1	1,33
I19	2	-	3	1	2,00
I20	2	-	2	1	1,67
I21	2	-	2	1	1,67
I22*	2	-	4	2	2,67
I23*	2	-	2	1	1,67
I24*	2	-	2	1	1,67
I25**	1	-	2	1	1,33
MÉDIA 25	3,12		3,12	2,40	2,92
MEDIANA 25	3		3	2	3
DESVIO PADRÃO 25	1,23		1,05	1,35	1,09

*Professores de língua inglesa

**Falante americana de Montana intercambista no Brasil há menos de seis meses.

Fonte: dos autores

Testes-*t* pareados rodados com os dados obtidos sobre compreensibilidade mostraram que a quantidade de esforço necessário para a compreensão foi significativamente menor ($p < .0001$) para a juíza brasileira em relação à juíza americana ($t(24) = 4,27$) e em relação à juíza francesa ($t(24) = 3,84$), mas não em relação à juíza indiana. A juíza brasileira, por compartilhar da mesma língua nativa dos informantes e ser professora de inglês, está mais familiarizada com a interferência do sotaque brasileiro ao falar inglês. A juíza indiana, pertencente ao círculo externo,

tem histórico longo de interação em língua inglesa com falantes não nativos de inglês pertencentes também aos círculos externo e em expansão. A única representante do círculo interno, a juíza americana, teve mais dificuldade em compreender a fala dos brasileiros, mesmo tendo algum conhecimento do português.

Foram realizados testes estatísticos comparando o julgamento das juízas considerando (1) quinze informantes e (2) vinte e cinco informantes (excluindo a indiana) e os resultados de ambas situações foram semelhantes. Testes de correlação *Pearson* rodados mostraram que embora tendo sido significativamente menor o esforço despendido pela brasileira para compreensão da fala dos informantes, há uma relação forte entre os resultados da brasileira com a americana ($r = 0,79$ para os 25; $r = 0,65$ para os quinze) e com a francesa ($r = 0,72$ para os 25; $r = 0,62$ para os quinze), indicando que há grande probabilidade de os informantes mais bem compreendidos e menos bem compreendidos pelas juízas serem coincidentes. O que não ocorre com a indiana, que apresentou uma correlação fraca com a brasileira ($r = 0,38$ para os quinze). Embora não tenha havido diferença significativa no julgamento de compreensibilidade entre a americana e a francesa, a correlação entre os resultados de ambas foi apenas moderado ($r = 0,59$ para os vinte e cinco; $r = 0,47$ para os quinze). Entre a americana e a indiana ($r = 0,56$) e a francesa e a indiana ($r = 0,54$), a correlação também foi apenas moderada.

A juíza americana utilizou a nota um (esforço nenhum) para nenhum dos quinze participantes avaliados pela indiana e para somente dois dos demais informantes (8% dos vinte e cinco participantes): uma nativa americana de Montana e a outra uma brasileira professora de inglês (única com treinamento em fonética). A juíza francesa atribuiu esforço nulo a nenhum informante (incluindo a informante americana); enquanto a juíza indiana atribuiu esforço nulo a dois dos quinze informantes que julgou (13% dos quinze); e a juíza brasileira atribuiu esforço nulo a um dos informantes que a indiana atribuiu esforço nulo e a outros oito, totalizando nove entre os vinte e cinco (36% dos vinte e cinco). O fato de a francesa não ter utilizado a categoria esforço nulo evidencia que o que é considerado esforço suficiente para ser considerado pouco e não nulo é uma medida bastante subjetiva. A americana e a brasileira julgadas com esforço nulo pela juíza americana foram as mais facilmente compreendidas pela juíza francesa, assim como outros três professores de inglês. Ainda, as correlações positivas entre os resultados da francesa com a americana e com a brasileira apontaram para coerência na ordenação de dificuldade. Podemos especular, mas nenhuma conclusão pode ser tirada sem pesquisa com mais informantes e juízes controlando essa variável, que o fato da informante americana de Montana ter dialeto diferente do padrão pode ter contribuído para esforço nulo não ter sido utilizado neste caso pela juíza francesa que morou em Bronxville, no estado de Nova Iorque, por quatro anos.

Considerando o esforço máximo (pontuação 5) em relação aos quinze informantes avaliados pelas quatro juízas, a americana atribuiu 5 para três destes informantes (33%), a Indiana para quatro (27%), a francesa para quatro (27%) e a brasileira para dois (13%). Considerando os vinte e cinco informantes, a americana atribuiu esforço máximo para quatro (16%), a francesa para quatro (16%)

e a brasileira para dois (8%). O desvio padrão nos resultados da indiana foi $d = 1,40$ (variação: 1 a 5), da americana foi $d = 1,23$ (variação: 1 a 5), da francesa foi $d = 1,05$ (variação: 2 a 5) e da brasileira foi $d = 1,35$ (variação: 1 a 5). Agrupamos os dados para esforço considerável (4 e 5), mediano (3) e pouco ou nenhum (1 e 2) no Quadro 3.

Quadro 3 – Esforço para compreensão da fala por juíza para os quinze informantes analisados

	Americana (Círculo Interno)		Indiana (Círculo Externo)		Francesa (Círculo em Expansão)		Brasileira (Círculo em Expansão)	
	N	%	N	%	N	%	N	%
1 e 2 (pouco ou nenhum esforço)	1	6,67%	4	26,67%	2	13,33%	5	33,33%
3 (algum esforço)	5	33,33%	2	13,33%	7	46,67%	4	26,67%
4 e 5 (muito esforço)	9	60,00%	9	60,00%	6	40,00%	6	40,00%

Fonte: dos autores

O agrupamento dos dados apresentados no Quadro 3 confirma que, enquanto a juíza americana precisou se esforçar consideravelmente para compreender mais de 90% dos informantes, a juíza brasileira necessitou de tal nível de esforço para em torno de 67% destes mesmos informantes, sendo que em um terço das quinze produções dos informantes praticamente não necessitou de esforço. Embora a juíza indiana tenha se esforçado muito para compreender 60% dos informantes, assim como a americana, para quase 27% das amostras o esforço que ela despreendeu foi pequeno ou inexistente, mesmo tendo nenhum conhecimento ou contato com o português ou com falantes de português em inglês, exceto pela escrita. O contato da indiana com diversas variedades de língua inglesa, entre elas variedades fora do círculo interno, conferem-lhe uma condição privilegiada ao ser exposta ao inglês internacional com seus sotaques e cargas culturais diversos. Cruz (2003) encontrou um resultado similar ao ter uma juíza americana e uma camaronesa: com o nível de esforço menor relatado pela camaronesa, Cruz concluiu que a exposição da camaronesa a variados sotaques havia a auxiliado na compreensão dos brasileiros, mesmo sem contato prévio com o português, como foi o caso de nossa juíza indiana.

Percebemos que a juíza francesa, apesar de ter julgado poucas falas como provocadoras de pouco esforço, considerou menos da metade das falas (40%) como falas para as quais bastante esforço foi necessário para a compreensão. A juíza francesa morou nos Estados Unidos da América e, pelo seu país de origem e onde mora agora, tem contato com as variedades europeias da língua inglesa (nativas e não nativas), o que a coloca em posição também favorável para compreender o inglês internacional, possibilitando a comparação com nossa juíza indiana e com a juíza camaronesa do estudo de Cruz (2003).

Embora este resultado, ao ser comparado com demais pesquisas, possa contribuir para a discussão, ele sozinho não pode ser usado para generalizações nem

para o círculo e nem para o país, uma vez que apresenta apenas um representante de cada círculo (com exceção do círculo em expansão) e está sujeito a inúmeras variáveis não controladas neste estudo. Assim, um estudo em maior escala deveria ser conduzido para confirmar as tendências aqui apresentadas.

3.2 Compreensibilidade, sotaque, autopercepção e quantidade de desvios de pronúncia no nível segmental

A segunda questão de pesquisa foi se a compreensibilidade está relacionada com sotaque e desvios de pronúncia no nível segmental. Para começarmos a responder esta pergunta confrontamos os dados de compreensibilidade e sotaque. Os dados de todos os vinte e cinco informantes foram utilizados e, embora os dados da juíza indiana estejam apresentados no Quadro 2, foi considerada a média das notas de esforço atribuídas pelos juízes sem a indiana, por ela ter julgado apenas quinze informantes.

Os valores possíveis para média variam de 1 a 5, assim como as notas individuais de esforço. Como a juíza francesa atribuiu nota 2 para a informante americana (I25), a nota mínima obtida como média por um informante foi 1,33. A nota máxima foi 5, com apenas um informante avaliado como esforço máximo pelas quatro juízas. Os professores de língua inglesa obtiveram médias entre 1,33 e 2,67. O único professor cuja média foi superior a 2, obteve nota 2 pela juíza americana e pela juíza brasileira, tendo causado mais dificuldades de compreensão (nota 4) para a juíza francesa. Esta mesma juíza francesa atribuiu pouco esforço para a informante americana, sendo a nota 2 a nota mínima atribuída, e não identificou a americana como nativa, como mostrado no Quadro 4. Uma possível explicação é que a francesa, apesar de fluente, morou quatro anos em Bronxille, no estado de Nova Iorque, e não teve exposição a algumas variedades americanas diferentes do padrão, como é o caso do sotaque de Montana. Estamos sujeitos à mesma confusão ao diagnosticarmos como estrangeiros outros brasileiros por terem um sotaque a que não fomos expostos, especialmente ao apenas escutarmos uma gravação de trinta segundos. No entanto, a juíza francesa considerou que a informante americana poderia passar por nativa em algumas situações. Entre os que não são professores de inglês, as médias variaram de 1,67 a 5 sendo que apenas cinco informantes (20% do total e 26% dos não professores ou nativos) tiveram médias iguais ou superiores a 4 (correspondente a baixa compreensibilidade).

Continuando a investigação, as médias das notas atribuídas pelas juízas francesa, brasileira e americana estão dispostas no Quadro 4, no qual estão também a percepção dos juízes em relação ao sotaque dos informantes e a quantidade de desvios de pronúncia no nível segmental (muitos, poucos, nenhum – sendo “muitos” equivalente a quatro desvios ou mais). Em relação à qualidade dos desvios de pronúncia, estes eram principalmente falta de vozeamento do /s/ como desinência de plural, vozeamento do /s/ no início de palavras quando em encontros consonantais, palatalização do /t/ em contextos fonológicos nos quais a palatalização não deveria ocorrer, e acréscimo de uma vogal ao final de palavras

terminadas em plosivas. Todos os desvios mencionados são parcial ou integralmente resultados de interferência da língua portuguesa, caracterizando sotaque brasileiro na fala em inglês (KOERICH, 2006; BETTONI-TECHIO, 2005; BETTONI-TECHIO, 2008). Não consideramos como desvios a pronúncia que difere de variedades padrões de língua inglesa, mas que é considerada correta em muitas variedades dialetais nos países do círculo interno, como o caso da pronúncia de algumas vogais. Em relação ao sotaque, as juízas determinaram o grau de sotaque do informante utilizando uma escala Likert de 1 a 5, sendo 1 para sem sotaque ou nativo, 2 para pouco sotaque ou passante, 3 para sotaque moderado, 4 para sotaque forte e 5 para sotaque muito forte. As juízas foram alertadas que sotaque, na pesquisa, se referia a sotaque estrangeiro.

Quadro 4 – Compreensibilidade, sotaque e desvios de pronúncia no nível segmental

	Sotaque					Compr.	Desvio Segmental
	Americana (Círculo Interno)	Indiana (Círculo Externo)	Francesa (Círculo Expansão)	Brasileira (Círculo Expansão)	Média sotaque s/ Indiana	Média Esforço s/ Indiana	
I1	4	4	3	3	3,33	3,33	MUITOS
I2	3	3	2	3	2,67	2,33	POUCOS
I3	4	4	4	4	4,00	3,33	MUITOS
I4	5	4	4	3	4,00	4,67	POUCOS
I5	5	4	3	3	3,67	3,33	POUCOS
I6	5	4	3	3	3,67	3,33	POUCOS
I7	3	3	3	3	3,00	3,33	POUCOS
I8	4	4	3	3	3,33	3,00	POUCOS
I9*	3	3	2	2	2,33	2,00	POUCOS
I10	4	5	3	3	3,33	4,00	POUCOS
I11	5	4	4	3	4,00	4,67	NENHUM
I12	4	4	3	3	3,33	3,00	POUCOS
I13	5	4	5	3	4,33	5,00	MUITOS
I14	4	3	5	3	4,00	3,67	POUCOS
I15	5	3	3	3	3,67	4,00	MUITOS
I16	4	-	3	3	3,33	2,33	POUCOS
I17	5	-	3	4	4,00	3,67	MUITOS
I18*	1	-	3	2	2,00	1,33	NENHUM
I19	3	-	3	2	2,67	2,00	NENHUM
I20	2	-	3	2	2,33	1,67	NENHUM
I21	2	-	3	2	2,33	1,67	NENHUM
I22*	3	-	4	2	3,00	2,67	NENHUM
I23*	2	-	3	2	2,33	1,67	POUCOS
I24*	3	-	3	2	2,67	1,67	POUCOS
I25**	1	-	2	1	1,33	1,33	NENHUM
MÉDIA	3,56		3,2	2,68	3,15	2,92	
MEDIANA	4		3	3	3,33	3	

DESVIO PADRÃO	1,26		0,76	0,69	0,76	1,09	
---------------	------	--	------	------	------	------	--

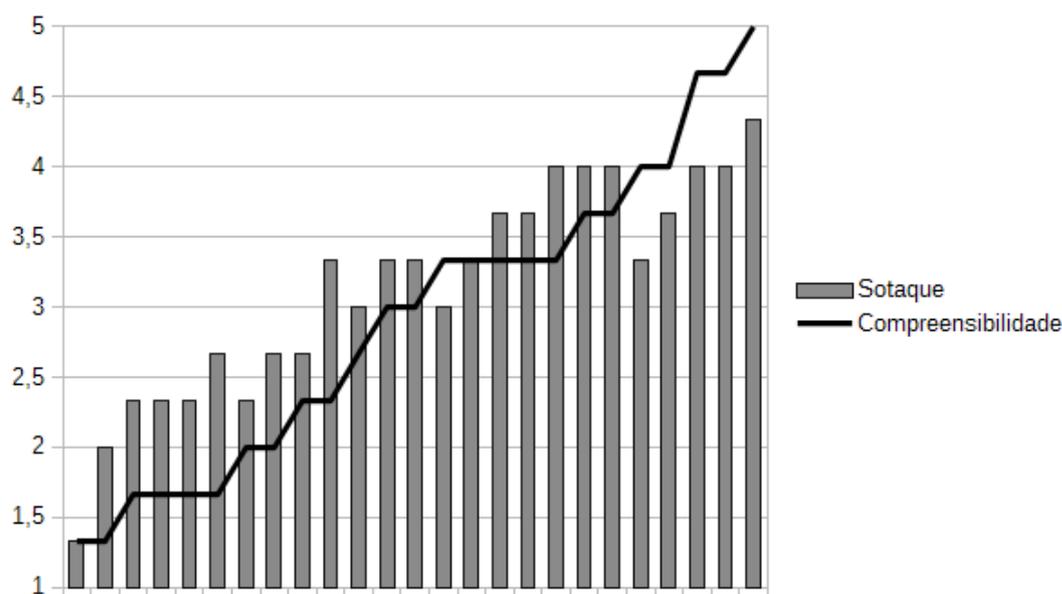
* Professores de inglês

** Falante americana intercambista no Brasil há menos de seis meses.

Fonte: dos autores

O teste de correlação *Pearson* indicou uma forte relação positiva ($p < .05$) entre as médias de compreensibilidade e sotaque dos vinte e cinco informantes, excluindo os julgamentos da juíza indiana, $r = 0.90$ que julgou apenas quinze amostras. A Figura 1 ilustra a força da correlação entre essas medidas. As correlações individuais entre os julgamentos de sotaque e de compreensibilidade para cada juíza foram fortes para a americana $r = 0,90$ e para a francesa $r = 0,80$. Para os dados das juízas indiana e brasileira as correlações foram moderadas, $r = 0,67$ e $r = 0,59$, respectivamente. Parece que para as juízas indiana e brasileira o sotaque dos informantes interferiu menos na compreensibilidade do que para as outras juízas, mas ainda com uma relação bastante significativa, apesar de moderada. Referindo-se à relação entre inteligibilidade, sotaque e compreensibilidade, Derwing e Munro (1997) apontam que algumas falas com sotaque, mesmo que inteligíveis, “podem requerer esforço adicional ou tempo maior de processamento, levando os juízes a marcarem tais falas como difíceis de entender” (p. 12).

Figura 1 – Média de percepção de compreensibilidade e sotaque por informante



Fonte: dos autores

Entre as médias de sotaque e a quantidade de desvios no nível segmental, a correlação *Pearson* obtida foi $r = 0,61$, $p < ,05$, apontando para uma relação moderada e significativa. A correlação *Pearson* entre compreensibilidade e desvios no nível segmental foi $r = 0,53$, $p < ,05$, moderada também, mas menor que a correlação entre sotaque e desvios no nível segmental. Os resultados indicam

que, no presente estudo, os desvios afetam mais o julgamento de sotaque do que dificultam a compreensão. Munro e Derwing (1995) encontraram correlação forte entre sotaque e desvios segmentais e fraca entre compreensibilidade e desvios segmentais. Derwing e Munro (1997), que tiveram informantes com nível de proficiência em língua inglesa semelhante aos informantes do presente estudo e muito superiores do que os de Munro e Derwing (1995), encontraram uma correlação entre sotaque e desvios segmentais de 92% e entre compreensibilidade e desvios segmentais de 0% como apontado na revisão da literatura. Os autores concluíram que o efeito dos desvios segmentais na compreensibilidade é maior em níveis menos proficientes.

Ainda considerando as juízas individualmente, Testes-*t* pareados resultaram em diferenças significativas entre a juíza indiana e a juíza americana, $t(14) = 2,43$, $p < ,05$; entre a juíza indiana e a juíza brasileira, $t(14) = 4,78$, $p < ,0001$; e, entre a juíza brasileira e a juíza americana $t(24) = 5,28$, $p < ,00001$. A juíza francesa não apresentou diferença significativa a nenhuma outra juíza. A Mediana obtida a partir dos julgamentos da americana e da indiana foi 4 (sotaque forte) enquanto a Mediana apresentada obtida a partir dos dados da francesa e da brasileira (Círculo de Expansão) foi 3 (sotaque moderado).

Os dados indicaram que conforme a média de esforço para compreensão da fala aumenta, ou seja, a compreensibilidade é menor, mais forte é o sotaque percebido. Com relação à quantidade de desvios de pronúncia no nível segmental, é possível observarmos que nenhum falante avaliado pelas juízas com menos sotaque do que 3,33 produziu muitos desvios (mais de 4). Entre aqueles que obtiveram média de compreensibilidade maior que 2,67, apenas um produziu nenhum desvio de pronúncia no nível segmental. Os desvios no nível segmental da amostragem utilizada no presente estudo não são determinantes de fracasso ou sucesso na compreensibilidade e nem como marca de sotaque, mas são fatores significativos na comunicação, uma vez que houve correlação moderada e que uma análise descritiva dos dados também aponta para essa relação.

3.3 Autopercepção de nível de pronúncia e compreensibilidade/ sotaque percebidos

A terceira questão de pesquisa buscou investigar a relação entre os julgamentos de compreensibilidade da fala e de sotaque e a autopercepção de nível de proficiência relativa à pronúncia atribuída pelo próprio informante. O Quadro 5 apresenta os dados das médias de compreensibilidade e de sotaque, sem a juíza indiana, e a autopercepção do nível de proficiência em pronúncia elucidada a partir do questionário no qual vinte e dois informantes marcaram qual seu nível de pronúncia a partir de seis categorias: ruim, básico, intermediário, avançado, passante, perto de nativa.

Quadro 5 – Autopercepção, compreensibilidade e sotaque

	Autopercepção de nível de pronúncia	Média de percepção de sotaque	Média de esforço para compreensão
I1	Intermediário	3,33	3,33
I2	Intermediário	2,67	2,33
I3	Intermediário	4,00	3,33
I4	Intermediário	4,00	4,67
I5	Intermediário	3,67	3,33
I6	Intermediário	3,67	3,33
I7	Perto Nativa	3,00	3,33
I9*	Intermediário	2,33	2,00
I10	Avançado	3,33	4,00
I11	Intermediário	4,00	4,67
I12	Básico	3,33	3,00
I13	Intermediário	4,33	5,00
I14	Intermediário	4,00	3,67
I16	Avançado	3,33	2,33
I17	Intermediário	4,00	3,67
I18*	Perto Nativa	2,00	1,33
I19	Intermediário	2,67	2,00
I20	Intermediário	2,33	1,67
I21	Intermediário	2,33	1,67
I22*	Intermediário	3,00	2,67
I23*	Avançado	2,33	1,67
I24*	Intermediário	2,67	1,67
I25**	Nativa	1,33	1,33

Fonte: dos autores

Dos vinte e quatro informantes brasileiros, vinte e dois (N=22) responderam ao questionário. Destes vinte e dois informantes, dezessete (77,27%) declararam que seu nível de proficiência em relação à pronúncia da língua inglesa era intermediário; três (13,63%) declararam ter nível avançado; dois (9,09%), perto de nativo; e um (4,54%), básico. Não houve relação alguma entre autopercepção e julgamentos de sotaque e compreensibilidade. Dos dois informantes que declararam ter pronúncia perto de nativa, um foi considerado nativo pela juíza americana e com pouco sotaque/passante pelas demais e teve o segundo nível de melhor compreensibilidade sendo inferior apenas à pontuação da informante nativa. O outro informante que se declarou perto de nativo recebeu média 3 no sotaque – sotaque moderado e 3,33 na compreensibilidade (1 a 5, sendo 5 muito esforço). Um dos três informantes que se declararam com nível Avançado teve média de compreensibilidade 4 (1 a 5, sendo 5 muito esforço). Não houve correlações e nem tendências entre autopercepção e os resultados encontrados para compreensibilidade e sotaque.

3.4 Percepções sobre o estudo da pronúncia e compreensibilidade

A fim de compreendermos um pouco sobre a relação entre as percepções de nossos estudantes sobre o estudo da pronúncia e sua inteligibilidade, comparamos (1) os índices de compreensibilidade e (2) as respostas dadas por vinte e dois informantes a dois blocos de questões. O primeiro bloco foi replicado de Bettoni e Gallego-Campos (2017) e solicitava que os informantes marcassem qualidades referentes ao estudo da pronúncia com as quais eles concordavam. Eram doze adjetivos ao todo, sendo cinco de conotação negativa (inútil, chato, perda de tempo, desnecessário, irrelevante), cinco de conotação positiva (útil, interessante, divertido, importante, essencial) e dois neutros (difícil e fácil). Os resultados por adjetivo foi vinte (90,90%) para útil, dezoito (81,81%) para interessante, dezoito (81,81%) para importante, treze (59,09%) para essencial, treze (59,09%) para divertido, dez (45,45%) para difícil, quatro (18,18%) para fácil, um (4,54%) para chato e um (4,54%) para desnecessário. Os adjetivos inútil, perda de tempo e irrelevante não foram marcados. Os dois informantes que marcaram adjetivos negativos (I4 e I11) estão no grupo com menor compreensibilidade a partir da medida de esforço feito pelas juízas para a compreensão da fala, como vemos no Quadro 6. De uma maneira geral, os estudantes parecem ter uma impressão mais positiva do estudo da pronúncia do que os professores de inglês imaginam que seus estudantes tenham (ver BETTONI; GALLEGO-CAMPOS, 2017). Este resultado corrobora o achado de Marzá (2014) de que os estudantes de inglês como língua estrangeira acreditavam que o estudo da pronúncia era fundamental.

No segundo bloco de questões, os informantes responderam com “Discordo”, “Não sei”, “Concordo um pouco”, “Concordo”, e “Concordo Totalmente” para as seguintes afirmações: a) Eu gosto/gostaria de ter minha pronúncia corrigida pela professora; b) Eu gosto/gostaria de ter explicações sobre pronúncia; c) Eu gosto/gostaria de aprender sobre símbolos fonéticos presentes nos dicionários; e, d) Eu gosto/gostaria de ao falar em inglês ser confundido com um nativo. Os dados estão apresentados no Quadro 6 para cada um dos informantes do grupo com menor compreensibilidade (4 a 5) e do grupo com maior compreensibilidade (1 a 1,9). No caso dos demais participantes (compreensibilidade de 2,0 a 3,9), apenas as médias de respostas para as questões com alternativas está apresentada. As médias foram calculadas a partir da seguinte equivalência: discordo = -1, não sei = 0, concordo um pouco = 1, concordo = 2, concordo totalmente = 3. As respostas transformadas em números foram somadas e então divididas pelo número de informantes presentes em cada grupo.

Quadro 6 – Percepção sobre o estudo da pronúncia por compreensibilidade

		Eu gosto (gostaria) de...				Qualidades negativas atribuídas ao estudo da pronúncia
		ter minha pronúncia corrigida	ter explicação sobre pronúncia	aprender símbolos fonéticos	ser confundido com um nativo	
Mais difícil (4,0 a 5,0)	I4	Concordo totalmente	Concordo totalmente	Concordo	Concordo totalmente	desnecessário
	I10	Não sei	Não sei	Não sei	Concordo	-
	I11	Concordo	Concordo	Discordo	Concordo totalmente	chato
	I13	Concordo totalmente	Concordo	Não sei	Discordo	-
	M*	2	1,75	0,25	1,75	duas
(2,0 a 3,67)	M	2,38	2,61	0,84	2,15	nenhuma
	N=13					
Menos difícil (1,0 a 1,67)	I18	Concordo totalmente	Concordo totalmente	Concordo totalmente	Um pouco	-
	I20	Concordo totalmente	Concordo totalmente	Concordo	Não sei	-
	I21	Concordo totalmente	Concordo totalmente	Concordo totalmente	Concordo totalmente	-
	I23	Um pouco	Um pouco	Concordo	Discordo	-
	I24	Concordo totalmente	Concordo totalmente	Concordo	Um pouco	-
	M	2,6	2,6	2,4	0,8	nenhuma

*M = As médias foram calculadas a partir da seguinte equivalência: discordo = -1; não sei = 0; concordo um pouco = 1; concordo = 2; concordo totalmente = 3.

Fonte: dos autores

Correlações *Pearson* foram rodadas entre as concordâncias com as afirmações e a faixa de compreensibilidade a qual o informante pertence. Para a classificação em faixas, os informantes foram agrupados conforme a média de compreensibilidade atribuída pelas juízas, excluindo a indiana (por não ter julgado todos os informantes) nas seguintes faixas: 1 a 1,9; 2 a 2,9; 3 a 3,9; e, 4 a 5. A correlação *Pearson* com “gostar de ter pronúncia corrigida” foi fraca ($r = 0,43$); com “gostar de ter explicação sobre pronúncia” foi moderada ($r = 0,64$); com “gostar de aprender símbolos fonéticos” foi moderada ($r = 0,65$); com “querer ser confundido com um nativo” foi forte ($r = 0,76$); e com qualidades negativas atribuídas ao estudo da pronúncia foi forte ($r = 0,77$). Sem I13, que apresentou resultados diversos dos outros membros do grupo com pior compreensibilidade, as correlações seriam mais fortes.

A partir dos dados apresentados, podemos especular que os informantes com maior compreensibilidade neste estudo são os que têm menos interesse em ser confundidos com um falante nativo. Talvez, por serem mais bem-sucedidos em relação à compreensibilidade, tenham percebido que o objetivo de soar como nativo não é tão importante. Para esta afirmação I13 (índice de compreensibilidade = 5,0), o informante com menor compreensibilidade, apresentou um comportamento diferente dos outros com índices semelhantes de compreensibilidade discordando de querer ser confundido com um nativo. Apesar da tendência demonstrada pelos nossos dados, a conclusão que podemos tirar é que a simples vontade de soar como um nativo não é suficiente para apresentar fala compreensível, mesmo quando falamos de pessoas com nível mínimo de conhecimento em inglês considerado avançado. A nossa tendência não pode ser generalizada pela pequena amostragem de informantes e de juízes e inúmeras variáveis que precisariam ser controladas ao nos referirmos a seres humanos.

Outra relação é que os informantes mais facilmente compreendidos pelas juízas são os que mais têm interesse em aprender os símbolos fonéticos. Também em relação à aprendizagem de símbolos fonéticos, podemos afirmar que apenas cinco dos vinte e dois respondentes (22,7%) (três informantes não respondem ao questionário) têm bastante interesse em aprendê-los, sendo que dois destes cinco informantes estão no grupo mais facilmente compreendido. Seis informantes (27,2%) não têm interesse em aprender os símbolos fonéticos, sendo que um deles está no grupo dos quatro com piores índices de compreensibilidade. Essas observações, em conjunto com os resultados das correlações *Pearson*, indicam a existência de uma relação positiva entre interesse na aprendizagem mais técnica sobre a pronúncia e a compreensibilidade da fala. No estudo de Marzá (2014) a porcentagem de estudantes que atribuíram grande importância à aprendizagem de símbolos fonéticos para o estudo do inglês foi consideravelmente maior do que no presente estudo (91,6%). No entanto, todos os informantes estavam cursando bacharelado em Estudos da Língua Inglesa na Espanha e imaginamos que esta diferença no perfil dos informantes tenha relação com a diferença de resultados.

4. Conclusão

4.1 Considerações finais

Os resultados mostraram a diversidade de nível de compreensibilidade e sotaque dentre brasileiros falantes de inglês no nível avançado. A tendência é que as habilidades de compreensão e produção escrita tenham um peso maior nas avaliações de nível de proficiência e nas provas finais para avanço de nível em cursos de idiomas e em escolas regulares. Fato este que resultou em pouco mais de um quarto dos informantes que não eram professores de inglês terem sido considerados pouco compreensíveis pelas juízas, mesmo tendo nível geral de proficiência avançado. Os dados obtidos para investigarmos a relação entre a compreensibilidade atribuída ao informante e o círculo de Kachru ao qual o juiz

pertence mostraram que, assim como em Cruz (2003), a juíza do círculo interno – que tem inglês como língua nativa (americanas em ambos estudos) – teve mais dificuldades para a compreensão do que a juíza indiana pertencente ao círculo externo. A indiana, assim como a camaronesa do estudo de Cruz (2003), tinha mais exposição a variados sotaques de inglês. Ainda, a juíza brasileira, talvez por apresentar a mesma língua materna e/ou ser professora de inglês, e, portanto, com maior familiaridade com a língua dos informantes, apresentou menos dificuldades para compreender os informantes brasileiros e, inclusive, como a juíza francesa (também do círculo em expansão) identificou menos sotaque estrangeiro nas falas dos informantes.

A segunda questão de pesquisa tratava da relação entre os julgamentos de compreensibilidade da fala, julgamento de sotaque e quantidade de desvios de pronúncia no nível segmental. Foi encontrada uma correlação muito forte, $r = 0,90$, $p < ,05$ entre compreensibilidade e sotaque, indicando que quanto mais presente o sotaque estrangeiro estiver na fala em inglês mais difícil tende a ser a compreensão da fala no contexto do estudo. As correlações *Pearson* entre sotaque e desvios no nível segmental e compreensibilidade e desvios no nível segmental foram moderadas e significativas. Os resultados indicaram que, no presente estudo, os desvios afetaram um pouco mais o julgamento de sotaque do que dificultaram a compreensão. Munro e Derwing (1995) e Derwing e Munro (1997) também encontraram esta tendência e identificaram que informantes com nível de proficiência em inglês mais baixo têm quantidade de sotaque percebido mais afetada por desvios no nível segmental do que os mais avançados. Chamou atenção o fato da juíza francesa não ter avaliado a informante americana como nativa e a juíza americana ter avaliado uma informante brasileira como nativa. Esse ponto reforça os questionamentos sobre o objetivo de “soar como um nativo” diante do número de nativos que falam de fato uma variedade padrão da língua inglesa.

A terceira e a quarta questões de pesquisa estavam relacionadas à percepção dos informantes sobre a própria pronúncia e sobre o estudo de pronúncia. A terceira questão abordava a relação entre compreensibilidade e a autopercepção de seu nível de proficiência relativo à pronúncia. Houve uma grande concentração de autopercepção de nível de proficiência relativo à pronúncia no nível intermediário. Borges (2014) concluiu, a partir de dados de seu estudo e estudos anteriores, que há uma forte relação entre variáveis de autoconfiança e ansiedade no aprendizado de língua e que, no caso da pronúncia, estaria ainda mais evidente e assim seria esperado que quanto mais seguro o informante, melhor seria sua autopercepção, menor sua ansiedade e melhor sua compreensibilidade. No entanto, os resultados mostraram nenhuma correlação entre autopercepção da forma como foi investigada no presente estudo e sucesso na comunicação considerando compreensibilidade e sotaque. Esta diferença de resultados está provavelmente ligada ao perfil dos informantes e contexto de aprendizagem e uso da língua inglesa. Em Borges (2014) os informantes eram brasileiros de 18 a 55 anos de idade, residentes na Inglaterra (30% por mais de dez anos), e que aprenderam inglês a partir da adolescência ou como jovens adultos – ambiente de inglês como segun-

da língua. No presente estudo, os informantes começaram a estudar inglês com idade inferior aos informantes de Borges (2014), sendo que mais da metade deles estava no nível avançado aos 14 anos de idade e possuíam raras oportunidades para produção oral em língua inglesa fora do contexto formal de educação. Há necessidade na área do ensino de língua inglesa de que a literatura seja enriquecida com pesquisas com estudantes de diferentes perfis e em diferentes contextos, controlando variáveis e replicando metodologias já utilizadas. Como o presente estudo não replicou Borges (2014), as diferenças podem também estar ligadas a questões metodológicas.

A quarta questão de pesquisa demandou investigação da relação entre as percepções sobre o estudo de pronúncia e a compreensibilidade. Os informantes mais facilmente compreendidos e com menos sotaque estrangeiro percebido pelas juízas foram os que menos interesse tinham em ser confundidos com nativos. Resultado este que implica dizermos que a simples vontade de soar como um nativo não é o suficiente e que talvez não ter um modelo específico como padrão auxilie alguém a se tornar um passante. Há a possibilidade de que, ao tentar seguir um modelo único, o aprendiz se atenha a um padrão de pronúncia fixo e irreal, uma vez que cada pessoa possui um idioleto resultante da sua experiência e inúmeras variedades dialetais às quais está exposto e pratica. Ainda, os mais bem compreendidos são os mais interessados em aprender os símbolos fonéticos, embora aprendê-los não seja requisito para inteligibilidade. O estudo indica que gostar de ter a pronúncia corrigida pelo professor e gostar de ter explicações sobre a pronúncia não leva à maior compreensibilidade; entretanto, não gostar de ser corrigido ou receber explicações correlacionou com pouca compreensibilidade. Ou seja, não é por gostar de explicações e correções que a fala será compreensível, mas desgostar parece indicar menor compreensibilidade na situação que foi simulada neste estudo.

4.2 Limitações e sugestões para pesquisas futuras

Para termos a certeza de que estas diferenças de julgamento podem ser atribuídas ao pertencimento aos diferentes Círculos de Kachru e não diferenças individuais, necessitaríamos de mais juízes pertencentes a cada um dos círculos. No entanto, acreditamos que esta pesquisa agrega conhecimento ao ser comparada a tantas outras que vêm sendo desenvolvidas. Uma limitação particular deste estudo foi o fato de a juíza indiana não ter avaliado todos os informantes. Além disso, a pesquisa poderia ser replicada controlando variáveis como idade e anos de estudo da língua inglesa.

A forma como Derwing e Munro definem inteligibilidade em seus diversos estudos há mais de duas décadas é como o reconhecimento de uma fala. Neste estudo também foi solicitado que as juízas transcrevessem suas falas. Os dados que obtivemos apontaram para alta inteligibilidade, com erros concentrados em nomes próprios de pessoas e lugares, porém a dificuldade na compreensão das demais partes do áudio foi grande o suficiente para refletirmos que este esforço

desprendido e medido pela compreensibilidade pode afetar diálogos ou mesmo acompanhamento de palestras dos falantes de inglês como segunda língua a ponto do receptor/interlocutor perder o interesse na mensagem conscientemente ou inconscientemente. Assim, consideramos que compreensibilidade, como foi abordada no estudo, é mais essencial para a comunicação do que a simples decodificação da palavra ou frase. Um estudo específico e mais profundo, considerando informantes com diferentes níveis e com falas controladas e falas espontâneas, poderia contribuir muito com estudos sobre a inteligibilidade em um contexto de língua inglesa como língua internacional.

4.3 Implicações pedagógicas

O ensino explícito da pronúncia parece estar mais presente para aqueles que são mais facilmente compreendidos. Os resultados mostram que os estudantes consideram o estudo da pronúncia como importante e útil e acreditamos que os professores devam aproveitar essa postura positiva diante da pronúncia para inseri-los em um mundo plural com exposição aos diferentes dialetos e sotaques. É importante que o professor discuta com os estudantes sobre o que seria “soar como um nativo” e as várias questões ligadas ao conceito de nativo e as motivações para e consequências de ter “soar como nativo” como objetivo. A existência da pluralidade de ingleses dentro de um único país e no mundo deve ser apresentada e explorada pelo professor para desmistificar o ideal de parecer um nativo. Já o desejo por uma fala com menos desvios de pronúncia é alcançável, e os resultados deste estudo apontaram que falas em inglês com menos desvios são mais compreensíveis por nativos e não-nativos de língua inglesa. O conhecimento da diversidade e a prática da oralidade com exposição a diferentes sotaques podem auxiliar estudantes a se comunicarem com mais propriedade, sendo compreendidos e compreendendo tanto nativos falantes de variedades padrão e de dialetos do inglês quanto não-nativos falantes de inglês. A compreensibilidade é uma demanda em ascensão proveniente da necessidade de comunicação em inglês mundialmente e precisa ser melhorada e praticada (BORGES, 2014).

Notes

1. Native speakers' perception of intelligibility
2. Judgments on a rating scale of how difficult or easy an utterance is to understand.

Referências

- ALVES, U. K. *O papel da instrução explícita na aquisição fonológica do inglês como L2: evidências fornecidas pela teoria da otimidade*. Mestrado (Dissertação). Pelotas: Universidade Católica de Pelotas, 2004.
- BAPTISTA, B. O. Frequent pronunciation errors of Brazilian learners of English. In FORTKAMP, M.B.M.; XAVIER, R.P. (Eds.) *EFL Teaching and Learning in Brazil: Theory and Practice*. Florianópolis: Insular, 2001, p. 223-230.

- BECKER, M. *Inteligibilidade da língua inglesa sob o paradigma de língua franca: percepção de discursos de falantes de diferentes L1s por brasileiros*. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Paraná, 2013.
- BETTONI, M.; GALLEGOS-CAMPOS, F. R. A Pronúncia no ensino de Inglês para crianças: Crenças e Práticas do Professor. *REVELLI*, v. 9 n. 4, 2017.
- BETTONI, M.; KLUGE, D. C. Encontros consonantais do inglês iniciados por /s/-efeitos de um treinamento perceptual. In BRAWERMAN-ALBINI, A.; GOMES, M. L. C. (Orgs.) *O jeitinho brasileiro de falar inglês – Pesquisas sobre a pronúncia do inglês por falantes brasileiros* (pp.105-125). Campinas: Pontes Editores, 2014.
- BETTONI-TECHIO, M. *Production of final alveolar stops in Brazilian Portuguese/English interphonology*. Dissertação de mestrado não publicada. Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.
- BETTONI-TECHIO, M. *Perceptual Training and Word Initial /s/- Clusters in Brazilian Portuguese/English Interphonology*. Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.
- BETTONI-TECHIO, M.; RAUBER, A.; KOERICH, R. D. Perception and Production of Word-final alveolar stops by Brazilian Portuguese learners of English. In *Interspeech 2007*, Antwerp: Bélgica, 2007, p. 2293-2296.
- BORGES, L. *Pronunciation beliefs and other predictors of phonological performance: a study with Brazilian ESL learners*. Dissertação (Mestrado). University College of London, 2014.
- BOUCHHIOUA, N. The effects of explicit pronunciation instruction on the comprehensibility and intelligibility of Tunisian EFL learners. *International Journal of Research Studies in Language Learning*. 6. 10.5861/ijrsl.2016.1480, 2016.
- BRAWERMAN-ALBINI, A.; KLUGE, D. Professores de inglês na rede pública paranaense e o ensino da pronúncia. *Revista de Letras DACEX/UTFPR*, 14, 2011.
- BRINTON, D. "Pronunciation Instruction". In BURNS, A.; RICHARDS, J. (Eds.), *The Cambridge Guide to Pedagogy and Practice in Second Language Teaching* (pp. 246-255). Nova Iorque: Cambridge University Press, 2012.
- CRUZ, N. C. *An explanatory study of pronunciation intelligibility in the Brazilian learner's of English*. *The ESPecialist*, 24 (2). p.155-175, 2003.
- CRUZ, N. C. *Pronunciation intelligibility in spontaneous speech of Brazilian learners of English*. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.
- CRUZ, N. C. Vowel insertion in the speech of Brazilian learners of English: a source of unintelligibility? *Ilha do Desterro: A journal of English Language and Literatures in English and Cultural Studies*, 55, p. 133-152, 2008.
- CRUZ, N. C. Familiaridade do ouvinte e inteligibilidade da pronúncia de aprendizes brasileiros de inglês. *Revista Horizontes da Linguística Aplicada*, 7 (1), p. 88-103, 2011.
- CRUZ, N. C.; JORGE, A. B. M. Pronúncia do inglês para brasileiros: análise do livro *Descobrimos a pronúncia do inglês*. *Revista Letras Raras* – v.6, n.1. 2017.
- CRYSTAL, D. *English as a Global Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- DELATORRE, F. *Intelligibility of English verbs ending in -ed for Brazilian learners of English as listeners*. Tese (Doutorado), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.
- DELATORRE, F.; BAPTISTA, B. O. *The effect of long-term instruction on a Brazilian learner's pronunciation of regular verbs ending in -ed*. *Revista X*, v. 1, pp. 58-79, 2014.

- DERWING, T. M. *What do ESL students say about their accents?* Canadian Modern Language Review, 59, 547-566, 2003.
- DERWING, T. M.; MUNRO, M. J. Accent, comprehensibility and intelligibility: Evidence from four L1s. *Studies in Second Language Acquisition*, 19, 1-16, 1997.
- DERWING, T. M.; MUNRO, M. J. The Development of L2 Oral Language Skills in Two L1 Groups: A 7-Year Study. *Language Learning* 63:2, pp. 163–185, June 2013.
- GASS, S. M.; VARONIS, E. M. The effect of familiarity on the comprehensibility of nonnative speech. *Language Learning*, 34(1), 65-89, 1984.
- HAUS, C. *Ensino de pronúncia sob a perspectiva do inglês como língua franca: Crenças e práticas de professores do CELIN – UFPR*. Dissertação de mestrado não publicada: UFPR, 2018.
- HOROBIN, S. *The English Language – A Very Short Introduction*. Oxford University Press: UK, 2018.
- ISAAC, T.; THOMPSON, R. Rater experience, rating scale length, and judgments of L2 pronunciation: revisiting research conventions. *Language Assessment Quarterly*, 10, pp. 135, 2013.
- JENKINS, J. A sociolinguistic based, empirically researched pronunciation syllabus for English as an international language. *Applied Linguistics*, 23 (8), p. 83-103, 2002.
- JENKINS, J. Implementing an International Approach to English Pronunciation: The Role of Teacher Attitudes and Identity. *TESOL Quarterly*, v. 39, n. 3, 2005.
- KACHRU, B. Standards, codification, and sociolinguistic realism: The English language in the outer circle. In QUIRK, R.; WIDDOWSON, H. (Eds.) *English in the World: Teaching and Learning the language and the literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985, p. 11-30.
- KLUGE, D, C. *Perception and Production of final nasals by Brazilian Portuguese learners of English*. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.
- KOERICH, R. D. Perception and Production of vowel paragoge by Brazilian EFL students. In B. O. Baptista & M. A. Watkins (Eds.), *English with a Latin beat: Studies in Portuguese/Spanish – English interphonology*, pp. 91-104. Amsterdam: John Benjamins, 2006.
- MARZÁ, N. E. Pronunciation and Comprehension of Oral English in the English as a Foreign Language Class: Key Aspects, Students' Perceptions and Proposals. *Journal of Language Teaching and Research*, Vol. 5, No. 2, pp. 262-273, March, 2014.
- MUNRO, M. J.; DERWING, T. M. Foreign accent, comprehensibility, and intelligibility in the speech of second language learners. *Language Learning*, 45 (1), 73-97, 1995. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1467-1770.1995.tb00963.x>
- NELSON, C. L. *Intelligibility in World Englishes: Theory and application*. Nova Iorque/ Oxon: Routledge, 2011.
- PISKE, T. Implications of James Flege's research for the foreign language classroom. In BOHN, O.; MUNRO, M. J. (Eds.), *Language experience in second language speech learning: In honor of James Emil Flege*. Amsterdã/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, pp. 315-30, 2007.
- RAJADURAI, J. Intelligibility studies: A consideration of empirical and ideological issues. *World Englishes*, 26 (1), pp. 87-98, 2007.

- REIS, F. S.; CRUZ, N. C. (Un)intelligibility in the context of English as a Lingua franca: a study with French and Brazilian speakers. *Revista Intercâmbio*, v. XXII: 35-55, 2010.
- REIS, M. S.; KLUGE, D. C. Intelligibility of Brazilian Portuguese-accented English realization of nasals in word-final position by Brazilian and Dutch EFL learners. *Revista Crop*, 13, p. 215-229, 2008.
- SHADECH, Thais Suzana. The production of word-initial /./I/ by brazilian learners of english and the issues of comprehensibility and intelligibility. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.
- SILVEIRA, R.; SHADECH, T. S. Inteligibilidade e o Ensino da pronúncia: Interface entre Pesquisa e Pedagogia. In. BRAWERMAN-ALBIBI, A. & GOMES, M. L. de C. (Orgs). *O Jeitinho Brasileiro de falar inglês – Pesquisas sobre a pronúncia por falantes brasileiros*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014, p. 7-10.
- SMITH, L. E.; NELSON, C. L. International Intelligibility of English: directions and resources. *World Englishes*, 4, pp. 333-342, 1985.

Recebido em: 03/07/2019

Aceito em: 17/10/2019